

A Colombo

30-1-57

OUVI uma notícia que me deixou melancólico: o dono da Confeitaria Colombo vendeu ou vai vender sua casa da rua do Ouvidor e também a filial de Copacabana. Esta última servirá de sede a uma agência de banco. A primeira será derrubada para que o comprador construa um edifício novo.

Como todo morador da zona Sul lamentarei o fechamento da Colombo de Copacabana, certamente a melhor casa do bairro no seu gênero. Mas a demolição da Colombo da cidade não é má notícia apenas para os fregueses, é má notícia para a cidade. A Confeitaria Colombo é alguma coisa que faz parte da história do Rio e do Brasil, de sua vida social, política e literária. A Colombo sempre foi, e continua sendo, como confeitaria e restaurante, u a casa honesta e agradável, onde o público tem confiança em tudo que come, bebe ou compra, onde não se envenena nem se explora ninguém, modelo de lugar decente e bom. Ali, durante os últimos 50 anos, se reuniram poetas, escritores, políticos, gente de sociedade, e não há senhora ou moça que não tenha feito um pouso na Colombo antes ou depois de suas compras em Ouvidor ou Gonçalves Dias.

Construída em fins do outro século ou começo deste — não me informei — a Colombo é um exemplar bellissimo do «art-nouveau». Ela deveria ser preservada pela Prefeitura ou pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, assim como o edifício da «Torre Eiffel», da rua do Ouvidor — por sinal outra casa comercial com a mesma tradição de qualidade e seriedade.

Sei que as finanças da Prefeitura não são brilhantes, mas o sr. Francisco Negrão de Lima é um homem bastante sensível e engenhoso para ter uma idéia capaz de salvar a Colombo e, desde logo, preservar o destino da Torre Eiffel, os dois melhores exemplares de um estilo que presidiu à grande expansão e reforma do Rio sob a República. Compreendo que o proprietário do terreno não deve ter prejuízo, ou melhor, não deve deixar de se beneficiar com a valorização imobiliária pelo fato de ser dono de um prédio de valor artístico e histórico. O projeto primitivo do Serviço do Patrimônio previa certas compensações para o dono de imóveis «tombados», como abatimentos no imposto sobre a renda, mas infelizmente isso não foi aprovado pelo Congresso. Há de haver uma fórmula capaz de evitar uma coisa tão triste e se a Prefeitura não tem, no momento dinheiro, deve ter terrenos suficientes para fazer uma troca. Aqui fica este apêlo ao prefeito e à Câmara Municipal: salvem a Colombo, é uma questão até de dignidade para o Rio, é alguma coisa como uma linda e velha jóia de família que não se tem o direito de perder.

Ah, e para onde iriam, meu Deus, aqueles velhinhos que vivem desde tempos imemoriais «na porta da Colombo»?